

Manoel Fagno Aviz¹
Dídac Santos-Fita²

A ATIVIDADE DE PESCA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO JACAREQUARA, NORDESTE DO PARÁ, AMAZÔNIA ORIENTAL

FISHING IN THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF JACAREQUARA, NORTHEASTERN PARÁ, EASTERN AMAZON

¹ Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares (Ineaf), Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil.

² Dept. d'Antropología Social i Cultural, Universitat Autònoma de Barcelona (UAB), Bellaterra (Cerdanyola del Vallès), Barcelona, Espanha. Autor de correspondência: dsantofi@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa o conhecimento ecológico tradicional da comunidade quilombola do Jacarequara de modo a caracterizar aspectos bioculturais nas práticas de uso e manejo na atividade de pesca. Dentro de uma perspectiva etnozoológica e etnoecológica, utilizou-se o método etnográfico para captar dados qualitativos e quantitativos por meio da observação participante, diferentes tipos de entrevistas e listas livres. Os dados revelam que a pesca é fundamental na subsistência dessas famílias, exibindo uma complexidade de saberes e práticas na utilização de 23 apetrechos em 17 estratégias de pesca, elementos essenciais na compreensão de aspectos sociais e bioecológicos que influenciam na efetividade da captura e na manutenção do estoque pesqueiro. Assim como a identificação de fatores climáticos e hidrológicos associados às escolhas das estratégias de pesca em caráter sazonal, como a malhadeira e a tarrafa. O conhecimento etnoictiológico dos moradores mostra-se indispensável na ocupação de lacunas referentes ao manejo de recurso pesqueiro desta região, o que evidencia a importância de se considerar esta parcela da população na elaboração de planos de manejo pesqueiro para a bacia do rio Guamá.

PALAVRAS-CHAVE: Etnozoologia; pesca artesanal; artes de pesca; uso e manejo dos recursos naturais; quilombo.

ABSTRACT

This article analyses the traditional ecological knowledge of the quilombola community of Jacarequara in order to characterize the biocultural aspects in the practices of use and management of fishing activities. From an ethnozoological and ethnoecological perspective, the ethnographic method was used to capture qualitative and quantitative data through participant observation, different types of interviews and free lists. The data reveals that fishing is of fundamental importance to the subsistence of these families, displaying a complexity of knowledge and practices in the use of 23 tools in 17 fishing strategies, essential elements in understanding the social and bio-ecological aspects that influence the effectiveness of the catch and the maintenance of the fishing stock. As well as the identification of climatic and hydrological factors linked with the choices of seasonal fishing strategies, such as the gillnet and the tarrafa. The wide-ranging ethno-ichthyological knowledge of the residents is indispensable in filling gaps in the management of this region's fishing resources, which highlights the importance of taking this section of the population into account when drawing up fishing management plans for the Guamá River basin.

KEY WORDS: Ethnozoology; artisanal fishing; fishing gear; use and management of natural resources; Quilombo.

INTRODUÇÃO

A relação entre a subsistência de populações humanas com os recursos aquáticos está evidenciada em diferentes dados arqueológicos, históricos e etnográficos. Ao longo do tempo foram sendo construídos uma série de conhecimentos relacionados às espécies pescadas, sobre comportamento, reprodução, hábitat e ecologia trófica (Gilmore, 1986; Silvano, 2004), que são empregados em inúmeras estratégias e ferramentas que constituem uma das atividades mais antigas exercida já desde o período anterior ao Neolítico, isto é, a pesca (Diegues, 2004; Alves, 2012).

Este conjunto de saberes encontra na figura do pescador tradicional seu lócus de construção através da inter-relação entre este ator social e os elementos do mundo natural, enfaticamente, os animais classificados como “peixes” (Arruda et al., 2018). A pesca como uma atividade que transpassa o mero ato de pescar, se incorpora em um universo simbólico onde práticas e crenças atuam em conjunto no saber-fazer do pescador, o qual detém o conhecimento acerca dos rios, igarapés e outros corpos d’água (Begossi, 2004; Diegues, 2004). Assim, a integração entre cotidiano, conhecimento ecológico local e sistemas de crenças torna-se observável através dos tabus, regras e rituais existentes em torno dessa atividade e seu ambiente social e físico (Barboza et al., 2014; Barros, 2019), o que possibilita a existência de hábitos e preferências direcionados tanto à alimentação quanto à própria execução da pescaria.

As comunidades que utilizam a pesca como prática de acesso aos recursos, possuem suas próprias organizações no que diz respeito à socioeconomia local, o que reflete em como o recurso será empregado (Diegues, 2004). Nesta perspectiva, a pesca em comunidades tradicionais amazônicas possui um conjunto de relações sociais existentes que se estende desde o próprio ato de pescar, perpassa o tratamento e preparo do peixe até o compartilhamento ou venda do excedente (Silvano, 2004). E ao contrário da pesca comercial ou industrial que considera esta relação direcionada apenas ao lucro mercadológico, esta comercialização presente na pesca artesanal é, sobretudo, voltada à subsistência do grupo familiar, levando-se em conta apenas o uso ou realização de práticas de troca de produtos (Diegues, 2004).

A imensa riqueza biológica amazônica é coexistente de uma grande diversidade sociocultural, evidenciada em uma bioculturalidade resultante dos conhecimentos e práticas que os povos indígenas e comunidades tradicionais utilizam na construção de seus modos de vida, manejando e transformando elementos da natureza de seus territórios na reafirmação de sua territorialidade e reprodução social (Castro, 1997; Diegues et al., 2000; O'Dwyer, 2002). Diante dessa riqueza biocultural, ainda se observa a existência de lacunas no conhecimento referente às comunidades tradicionais, em especial aos quilombolas no nordeste do Pará. Aliada à alta diversidade da ictiofauna e à sua importância na Amazônia, em

conjunto com o conhecimento ecológico tradicional, este estudo teve como objetivo caracterizar as práticas de uso e manejo nas atividades de pesca e que constituem os recursos pesqueiros da comunidade quilombola do Jacarequara, município de Santa Luzia do Pará, nordeste do estado do Pará, Amazônia Oriental.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo foi realizado com atores sociais da comunidade quilombola do Jacarequara, situada nas coordenadas 01°36'21.5"Sul e 46°58'39.5"Oeste, município de Santa Luzia do Pará, Nordeste Paraense (ver mais em frente a figura 01). O território da comunidade é correspondente a 1.237 hectares, localizado na porção central do município, sob influência da bacia hidrográfica do rio Guamá, pertencente à macrorregião hidrográfica Tocantins-Araguaia (IBGE, 2021). Além disso, há uma rede de drenagem secundária representada pelos igarapés Jacarequara Grande, Jacarequarazinho e Cabeça-de-Porco e, também, a existência dos lagos (meandros abandonados). Ademais, a paisagem é representada por um mosaico de diferentes fitofisionomias, destacando-se matas de terra firme primárias e secundárias, em diferentes estágios de sucessão, matas de várzeas e áreas de produção agropecuária.

A existência de quilombos e fugas de escravos na região do município de Ourém, que inclui os atuais municípios supracitados, é apontada em documentos da década de vinte do século XIX existentes no Arquivo Público do Pará, que relatam inúmeros mocambos/quilombos que datavam do período entre os anos de 1853 a 1862, destacando Jacarequara entre estes quilombos (Almeida, 2013). Almeida (2013) assume que o Quilombo do Jacarequara “pode ter sido formado por escravos que fugiam das fazendas e também com os que já se encontravam livres (pela fuga), mas que teriam tido que fugir novamente para escapar do ‘tal de pega-pega’” (Almeida, 2013, p. 9), termo empregado na história oral da comunidade com relação aos movimentos da Cabanagem. Os pequenos povoados formados não eram (e não são) isolados, todavia mantinham intenso contato com outras comunidades e com os povos indígenas locais, a exemplo do povo Tembé-Tenetehara, o que proporcionou ao longo da história um intercâmbio de saberes e práticas que constituem a identidade e a territorialidade dos “jacarequarenses” (Almeida, 2013; Farias, 2018).

As abordagens metodológicas utilizadas possuíram caráter tanto qualitativas quanto quantitativas. Contudo, priorizou-se a abordagem qualitativa por haver maior interesse em descrever e aprofundar as subjetividades em nível da realidade, visto que não podem ser quantificadas, isto é, padronizadas em análises estatísticas na forma de variáveis (Albuquerque et al., 2021). Neste estudo foram empregadas as principais técnicas utilizadas no método etnográfico, a pesquisa de campo se constituiu a partir dos princípios do saber “olhar, ouvir e escrever” (Cardoso de Oliveira, 2000), visto que possibilita estabelecer a crítica e disciplina do olhar e do ouvir como forma de obtenção de dados referente

à realidade local. Desse modo, a observação participante foi empregada em associação a diferentes tipos de entrevistas (semiestruturada e estruturada) e a excursões guiadas, além da aplicação da lista livre (free listing) (Sandoval, 1996; Albuquerque et al., 2021).

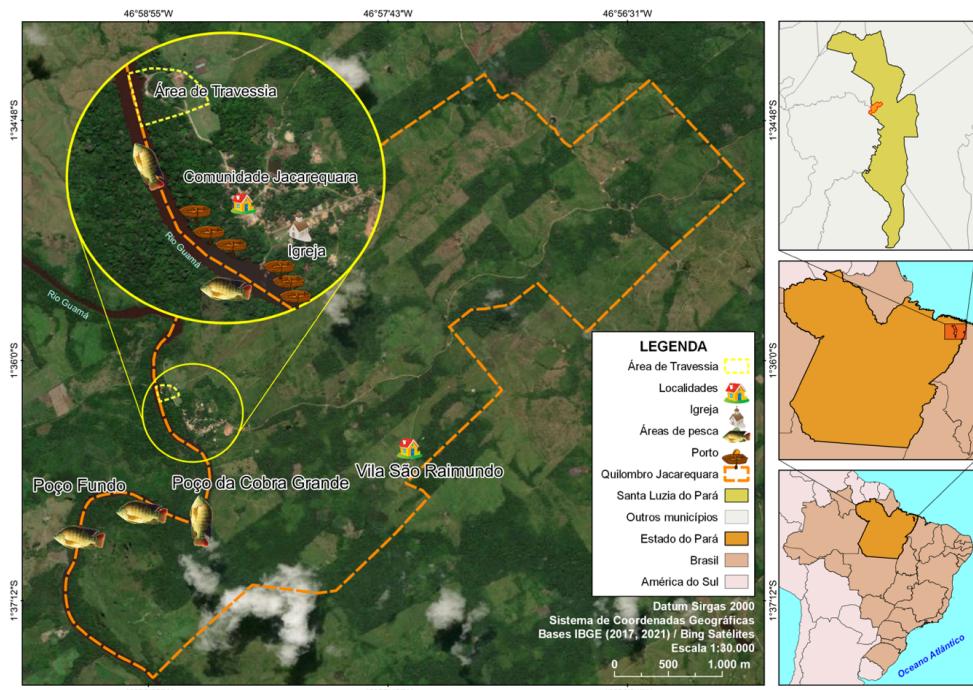


Figura 01: Mapa do território do quilombo do Jacarequara (Santa Luzia do Pará/PA) com destaque para os principais locais da prática pesqueira, seguindo o rio Guamá.

A pesquisa de campo consistiu em três momentos ao longo do ano de 2020, nos meses de março, agosto e novembro, totalizando 55 dias de convivência com a comunidade. Os distintos períodos foram estrategicamente pensados de modo a coincidir com diferentes estações climáticas, pois favoreceu entender a importância da sazonalidade na percepção dos recursos. Importante ressaltar que a diretoria da Associação Quilombola Vida Para Sempre Jacarequara (AVPS), como o máximo representante da comunidade, autorizou o trabalho de pesquisa via Termo de Anuêncio Prévia e reunião de apresentação com a comunidade.

As entrevistas foram realizadas e determinadas a partir da técnica de amostragem por referência em cadeia (snowball sampling) (Sandoval, 1996), visto que eram os próprios moradores que mencionavam os sujeitos mais adequados e pertinentes para abordar diferentes aspectos da temática da pesquisa. Foram entrevistados em situações sincrônicas e diacrônicas, o que constituiu uma forma de validação das informações e aprofundamento de tópicos determinados.

Os dados obtidos e todos os outros materiais foram organizados e sistematizados mediante softwares específicos (Microsoft Excel 2019®) de modo a constituir um banco de dados. A análise dos

dados qualitativos foi elaborada de acordo com o “modelo de união das diversas competências individuais” (Hays, 1976), pois pondera que toda informação pertinente ao assunto pesquisado deve ser considerada.

Os dados qualitativos originados das entrevistas se constituíram em unidades de registros e codificadas segundo as informações contidas nelas, considerando que estas fossem definidas de forma excludente, consistentes em relação aos elementos, ideias e expressões que as constituem (Minayo et al., 2002). Exemplo de códigos utilizados são: PEIX = espécies de ictiofauna; ESTRA = estratégias e técnicas; FET = ferramentas e utensílios; ECOTROF = ecologia trófica; HAB = habitat e local de ocorrência, entre outros. A identificação e classificação das espécies animais citadas foi efetuada por meio de literatura especializada para a fauna regional (SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE, 2010; ICMBIO, 2013). Materiais biológicos não foram coletados.

SABERES ASSOCIADOS AOS RECURSOS PESQUEIROS

O modo de classificação observado na comunidade considera uma ampla variedade de animais dentro da categoria “peixes”, a partir de características bioecológicas diretamente relacionadas com ambientes aquáticos fluviais, aluviais e límnicos, assim como a associação destes com práticas e estratégias de captura empregadas e sua finalidade de utilização. Nesse sentido, de acordo com o conhecimento etnoictiológico local, os recursos pesqueiros na comunidade incluem além dos peixes, outros grupos taxonômicos como répteis, mamíferos, moluscos, etc. Marques (2012) considera que a inclusão ou exclusão de espécies na etnociategoría *peixe* é padrão comum na etnotaxonomia ictiológica, assim como observado por outros estudos (e.g., Paz ; Begossi, 1996; Costa-Neto et al., 2002; Batista et al., 2016).

No total foram 120 etnoespécies faunísticas registradas, sendo 103 correspondentes à classificação taxonômica linneana, assim distribuídas: Peixes (=93), Reptilia (=8), Mammalia (=1) e Mollusca (=1). Desses, 64 foram classificadas até o nível de espécie (53 espécies) e 39 até o nível de gênero (26 gêneros). Elas pertencem a 36 famílias e 16 ordens.

Foram registrados 57 etnogêneros, destes os que tiveram maior variedade foram: acará/cará (Cichlidae: *Aequidens*, *Chaetobranchopsis*, *Cichlasoma*, *Geophagus*, *Satanoperca*); pacu (Serrasalmidae: *Mettynnis*, *Myleus*), tuí (Rhamphichthyidae: *Rhamphichthys rostratus* Linnaeus, 1766; Sternopygidae: *Sternopygus macrurus* Bloch ; Schneider, 1801), aracu (Anostomidae: *Leporinus*, *Schizodon*), traíra (Erythrinidae: *Hoplias*) e piracujubim (Pimelodidae: *Pimelodus*) (Tabela 01).

São empregadas de duas a três denominações para se referir às etnoespécies, por exemplo, a traíra-preta (*Hoplias malabaricus* Bloch, 1794) é também conhecida por traíra-jaburu; o mesmo ocorre com o piracujubim (*Pimelodus ornatus* Kner, 1858) que, às vezes, é denominado por lírio; e

com o aracu (*Leporinus* spp.; *Schizodon* spp.) que pode ser conhecido como piau ou araboca. Neste último caso, é evidente a presença de uma forma de esquiva em relação à pronúncia da última sílaba que possui um sentido pejorativo, o mesmo ocorre com o pacu (*Metynnus* spp.; *Myleus* spp.) que também é conhecido por paboca.

Tabela 01: Relação de etnogêneros com maior variedade de etnoespécies de “peixes”, segundo os registros junto aos moradores da comunidade quilombola do Jacarequara (Santa Luzia do Pará/PA).

ACARÁ/CARÁ	Etnogêneros				
	PACU	TUÍ	ARACU	TRAÍRA	PIRACUJUBIM
Etnoespécies					
acará boca-de-pote	paboca	baita	araboca	traíra	piracujubim
acará-bicudo	paboca-branco	ituí	aracu	traíra-branca	lírio
acará-branco	pacu-bicudo	tuí	aracu-branco	traíra-jaburu	
acaraponga	pacu-branco	tuí-comum	piau	traíra-preta	
acarátunga	pacu-pintado	tuí-terçado			
acarázinho	pacu-tinga	tuízinho			
cará-amarelo					
cará-branco					
caraponga					

Fonte: Trabalho de campo (2020).

Costa-Neto e colaboradores (2002) explicam que etnoespécies polissêmicas são denominadas por um termo simples e se referem tanto a etnoespécie como a etnogênero. Nesta perspectiva, no quilombo foram citadas 38 etnoespécies com esta característica, tais como surubim (*Pseudoplatystoma* spp.), arraia (*Plesiotrygon* spp.; *Potamotrygon* spp.), tucunaré (*Cichla* spp.), mandubé (*Ageneiosus brevis* Steindachner, 1881), jeju (*Hoplerythrinus unitaeniatus* Spix, 1829), pacamom (*Batrachoides surinamensis* Bloch ; Schneider, 1801), ueua (*Acestrorhynchus* spp.), sururiju (*Eunectes murinus* Linnaeus, 1758), buzo (*Megalobullimus* spp.), boto (*Inia* spp.), entre outras.

Costa-Neto e colaboradores (2002) e Marques (2012) afirmam que dentro da perspectiva da etnotaxonomia entre pescadores, a classificação hierárquica é determinada a partir de critérios ecológicos, etológicos e, em especial, morfológicos, tais como: tamanho e formato corporal (p.ex.: peixe-agulha, tuízinho, tuí-terçado), presença de barbilhões sensoriais (p.ex.: barba-chata); formato da boca (p.ex.: acará boca-de-pote,

pacu-bicudo); e coloração (p.ex.: piranha-branca, piranha-preta, cará-amarelo, acaratinga) (e.g., Costa-Neto et al., 2000; Marques, 2012; Paz ; Begossi, 1996).

Pimelodidae foi a família que obteve mais citações (n=36), seguida por Serrasalmidae (34), Cichlidae (32), Potamotrygonidae (31) e Erythrinidae (30). Entre as quinze etnoespécies mais citadas, quatro pertencem a Pimelodidae: surubim (*Pseudoplatystoma* spp.; n=32), jandiá (*Leiarius marmoratus* Gill; n=23), mandi (*Leiarius* spp., *Pimelodus* spp.; n=21) e piracujubim/lírio (n=16). Além do surubim, pacus e arraias, ambas com n=31, constituem os peixes mais citados.

Albuquerque e colaboradores (2017), em análise da ictiofauna na Terra Indígena Alto-Rio Guamá (TIARG), identificaram espécies não-nativas com ocorrência na região: tambaqui (*Colossoma macropomum* Cuvier), tilápia (*Tilapia rendalli* Boulenger), curimatã (*Prochilodus nigricans* Spix ; Agassiz), dourado (*Salminus* spp.) e a sarda (*Pellona* spp.). Já Brabo e colaboradores (2015) alertaram para o alto potencial invasor das tilápias e o consequente impacto sobre as espécies nativas nesta região. Albuquerque e colaboradores (2017) apontam que os indígenas Tembé-Tenetehara associam estas espécies à diminuição de espécies nativas no rio Guamá, as quais seriam oriundas de criadouros de piscicultura adjacentes à TIARG.

Assim como Brito e Costa (2019) relatam a presença destas espécies no rio Guamá, também foi relatado na comunidade do Jacarequara a ocorrência de três das espécies. Segundo os entrevistados: “*No rio já pega tilápia, esse tambaqui que a gente compra já pego [pegam] no rio também [...] acho que sai de açude quando enche, quando às vezes estora [estoura] os açude, né [...] os peixe sai, tem vez que já pega em rio, tilápia também*” (Dona Ivete, 70 anos); “*Curimatã, a gente pega também aqui no rio, peixe bom ó*” (Seu Arisca, 37 anos).

A biologia e ecologia reprodutiva é um importante fator para a efetividade da prática de pesca. Na comunidade do Jacarequara foi observado que os moradores reconhecem os ciclos migratórios de desova dos peixes existentes no rio Guamá, incluindo os ambientes típicos de desova das espécies, sendo evidente que nesse período a prática de pesca é reduzida como forma de respeito ao ciclo reprodutivo das espécies. Hábitat, locais de nidificação e comportamentos crípticos são características importantes para a devida aplicação de ferramentas e estratégias de pesca. Os moradores pontuaram que as espécies mais difíceis de capturar estariam associadas ao comportamento críptico e ao habitat, como o caso da pirarara (*Phractocephalus hemiolopterus* Bloch ; Schneider) referida como um peixe que “*vive mais nos poço [área profunda dos rios], é onde tem as partes mais funda no rio e lajão de pedra é onde elas tão lá no meio*” (Seu Chico, 44 anos).

Além disso, Marques (2012) considera de suma importância entender a inserção do item alimentar de forma a otimizar a captura, tendo a ecologia trófica influência na efetividade das estratégias de pesca. Na comunidade, o conhecimento etnozoológico sobre ecologia trófica mostrou-se igualmente compatível com o conhecimento acadêmico. De acordo com os relatos, o pacu possui preferência por flores de espécies

vegetais como a tiriba (*Eschweilera ovata* (Cambess.) Mart. ex Miers), o piquiá (*Caryocar villosum* (Aubl.) Pers.) e o taperebá (*Spondias mombin* Jacq.); de fato, os pacus (*Metynnис spp.* e *Myleus spp.*) são espécies herbívoras, com dieta composta basicamente por frutos e sementes (Ferreira et al., 1998). Outros peixes, como a itauara (identificação científica não encontrada), são descritos por sua dieta detritívora, se alimentando de substratos presentes no fundo dos rios e lagos.

ASPECTOS BIOCULTURAIS DAS PRÁTICAS DE PESCA

O rio Guamá e os igarapés adjacentes são os principais ambientes onde a pesca é exercida, além dos lagos e igapós que compõem os ambientes secundários para a pescaria (Figura 01). A predileção pela pesca no rio pode estar ligada às percepções de perigo associadas aos igarapés: “*Eu prefiro o rio, por que no igarapé eu acho mais arriscado de poraquê e arraia, no rio amode [a modo de] não é tanto, mas no igarapé é muito arriscado arraia, é mais arriscado do que no rio*” (João, 26 anos); ou a percepção de preferências alimentares: “*por que o peixe do rio é mais gostoso que de dentro do igarapé*” (Dona Maria, 55 anos). Já quem vive no interior do território, distante do rio, tem preferência por pescar no igarapé devido a facilidade de acesso: “*Eu vou aqui no igarapé grande que tem, logo aqui em cima, [...] porque aqui é mais perto*” (Seu Soia, 56 anos); ou associada a uma percepção de facilidade de captura: “*Às veze, pega mais rápido, no igarapézinho pega*” (Regi, 28 anos).

Os poços e “portos” são outros ambientes importantes para a pescaria no Jacarequara, caracterizados como locais específicos nos cursos d’água principais (ver Figura 01). Os portos são áreas às margens do rio utilizados tanto para atividades domésticas como para atividades ligadas à pesca. Em relação aos poços há dois tipos, ambos descrevem locais de grande profundidade. Um tipo é descrito para as áreas profundas, remanescentes e perenes dos igarapés durante a época de seca: “*os poço é que forma aquele balceiro de pau, a água vem fica cavando, vai reguando os pau e fica aqueles buracão no fundo assim dentro do igarapé, a gente dá o nome de poço*” (Seu Dadá, 51 anos); e, também, onde ocorre a pesca com malhadeira ao longo do ano. O outro tipo de poço é descrito como as áreas mais profundas do rio Guamá, designado por ser habitat de peixes como a pirarara e o surubim, ou de animais míticos como a cobra grande. Arruda et al. (2018) relatam que os quilombolas no Alto rio Guaporé, Mato Grosso, também indicam estes locais como habitat de “peixes de pele” (bagres).

Há uma variedade de utensílios e instrumentos que são empregados na prática de pesca na região amazônica, que é conhecida por ser multiespecífica e praticada com multi-aparelhos (Batista et al., 1998; Silva ; Braga, 2016). Na comunidade do Jacarequara, foram identificados 23 tipos de apetrechos empregados em 18 estratégias de pesca, que podem

se utilizar de um a vários instrumentos ao mesmo tempo. A pesca artesanal, geralmente, é definida pelo uso de equipamentos não sofisticados e auto produzidos (Diegues, 2004). Neste estudo, durante as observações era comum encontrar pessoas no processo de confecção ou manutenção de apetrechos de pesca, estes adquiridos por meio da compra de matéria-prima em comércios especializados ou produzidos artesanalmente com materiais encontrados na comunidade.

A prática de pesca no Jacarequara ocorre durante todo o ano, apresentando influência da sazonalidade das estações climáticas e da dinâmica das águas apenas sobre as estratégias de pesca empregadas. De acordo com Barthem e Fabré (2003), as águas na Amazônia passam por quatro fases ao longo das estações chuvosas e secas: enchentes (de meados de dezembro a meados de fevereiro), cheia (de meados de fevereiro a meados de maio), vazante (de maio a julho) e seca (de meados de agosto a novembro/dezembro), iniciando um novo ciclo em seguida.

Batista e colaboradores (1998) explicam que o emprego de determinados utensílios de pesca está fortemente ligado à dinâmica das águas. Nesse sentido, o rio Guamá é o principal agente socioecológico da paisagem que influencia na escolha de estratégias de pesca mais adequadas para determinadas características ambientais. No Jacarequara, as três principais estratégias de pesca (malhadeira, tarrafa e caniço com anzol) estão presentes ao longo do ano, mas se destacam quanto à efetividade da pesca em épocas específicas em razão de características ambientais que tornam a captura mais efetiva (Tabela 02). As estratégias de pesca foram qualificadas por categorias que indicavam: finalidade (atração ou coleta); autonomia (presença humana na captura); letalidade (morte ou captura viva); seletividade (escolha da espécie ou grupo animal específicos); e abundância (um ou mais animais) (Fernandes-Ferreira, 2014) (Tabela 03).

Tabela 02: Principais estratégias de pesca utilizadas no quilombo do Jacarequara (Santa Luzia do Pará/PA) conforme o período do ciclo hidrológico.

Época	Estratégia usada	Ambientes	Relato
CHEIA	Malhadeira		"No inverno também fica mais diferente porque enche demais né, [...]. Aí tendo uma canoa até nem tanto né, o cara vai botar uma malhadeira, vai de canoa no igapó e vai embora e se ele for de pé e tiver cheio ele não vai se arriscar entrar no igarapé que é arriscado, uma sururu comê ele, por que tem no inverno desce cobra grande aí, desce" (Seu Soia, 56 anos).
	Igarapés, Igapós		
	Matapi		"Matapi, a gente faz aquilo comprido né, aí faz a boca meia grande, ele fino e boca grande assim, aí faz a tapagem e mete lá e deixa lá pra ficar pegando os peixe" (Dona Maria, 55 anos).
VAZANTE	Tapagem		
	Caniço		"Anzol é no meio assim quando tá querendo já chegar por verão, tá saindo do inverno pro verão, mês de junho assim" (Marcos, 35 anos).
SECA	Linha de mão	Igarapés, Rio Guamá	"Tem uma época do ano que a gente pesca, é na baixante mesmo, na vazante mesmo, que ela começa a vazar, começa secar o rio, que chega naquele ponto, o senhor pode ir, tirar aquelas minhoca enfiar nos anzol e jogar!" (Dona Maria, 55 anos).
	Anzol ou Linha de espera		
ENCHENTE	Tarrafa	Rio Guamá	"Por que no verão é melhor da gente pegar eles na tarrafa, o rio fica baixo e fica melhor pra gente pegar eles" (Seu Tuíca, 46 anos)
	Malhadeira		
	Mosquiteiro	Poços (igarapés), Lagos	"Na tarrafa ou então no mosquiteiro lanceando, pega e vai lanceando e os peixe vão ficando lá dentro" (Dona Claudiana, 45 anos)
NTE	Tarrafa	Rio Guamá	
	Garrafa		"Corta uma garrafa mete coisa de Coca-Cola, vai pra rio pegar piabinha no tempo, tem a cema das piaba, né" (Seu Mira, 54 anos).

Tabela 03: Categorização das estratégias de pesca citadas e identificadas na comunidade quilombola do Jacarequara (Santa Luzia do Pará/PA).

Tipo de estratégia	Finalidade	Autonomia	Letalidade	Seletividade	Abundância	Instrumentos empregados
pesca com anzol de espera ou linha de espera	AP	PA	NL	R	I	Anzol, linha
pesca com arco e flecha	C	AT	LE	S	I	Arco, flecha
pesca com caniço	AP	AT	LE	S	I	Caniço, anzol, linha
pesca com toxinas vegetais	C	AT	LE/NL	R	G	Cunambi, timbó
pesca com espinhel	AP	PA	NL	R	G	Linha, anzós
pesca com facho de breu	C	AT	LE	S	G	Vara, breu, fisga
pesca com fisga (arpão)	C	AT	LE	S	I	Fisga
pesca com garrafa	C	AT	NL	R	G	Garrafa
pesca com linha de mão	C	AT	LE	S	I	Linha, anzol
pesca com linhavão	C	PA	LE	R	G	Linha, anzol
pesca com malhadeira	C	PA	NL	R	G	Malhadeira, canoa
pesca com matapi	C	PA	NL	R	G	Matapi
pesca com mosquiteiro	C	AT	NL	R	G	Mosquiteiro
pesca com rede de arrasto ou rede de lança	C	AT	NL	R	G	Rede, canoa Rede, canoa
pesca com tapagem	AP	PA	NL	R	G	Malhadeira, tábuas, munduru, matapi,
pesca com tarrafa	C	AT	NL	R	G	Tarrafa, canoa
pesca com visor e fisga	C	AT	LE	S	I	Visor, fisga

AP = aproximação; C = captura; AT = ativas; PA = passivas; NL = não-letras; LE = letais; S = captura seletiva; R = captura randômica; I = captura individual; G = captura gregária. Baseado em Fernandes-Ferreira (2014).

A malhadeira e a tarrafa são as artes de pesca mais utilizadas na comunidade (Figura 02). Brito e Costa (2019) também observam a preferência por estas estratégias de pesca em comunidades vizinhas de Capitão Poço (Pará). Estes autores assumem que a preferência por estas artes de pesca está associada à proximidade dos locais de pesca e às características do equipamento. As entrevistas e observações mostraram que a tarrafa tem maior adesão por apresentar maior facilidade de transporte, manutenção e manuseio se comparada à malhadeira que, geralmente, requer maiores cuidados, equipamentos e dispêndio físico para manuseio, além do fator financeiro, pois a malhadeira requer materiais relativamente caros (Braga ; Munduruku, 2020).



Figura 02. Moradores da comunidade quilombola de Jacarequara (Santa Luzia do Pará/PA) confeccionando petrechos de pesca. A) Malhadeira. B) Tarrafa.

A malhadeira foi a estratégia de pesca mais importante na estação chuvosa, particularmente na época de cheia, quando os igarapés e planícies de inundação (igapós) estão cheios e apresentam características ambientais que aumentam a efetividade, como a baixa luminosidade da água. Por outro lado, na estação seca, a malhadeira foi descrita como eficiente nos lagos e “poços” dos igarapés, pois os cardumes encontram-se confinados nestes locais e, consequente, influência no aumento da efetividade do uso de redes de emalhe na captura de espécies como as traíras, tilápias, mandubés e sarapós. Importante ressaltar que a pesca em

“poços” e lagos possui grande participação feminina, época que ocorre incursões de grupos de mulheres para praticar pesca nestes locais. Enquanto no Jacarequara, a malhadeira é empregada ao longo do ano em diferentes ambientes, mas perde protagonismo durante as épocas de vazante e seca, Batista e colaboradores (1998) observaram que em comunidades do baixo Solimões (Amazonas), a malhadeira possui pouca variação sazonal quanto à sua utilização, mas se destacando durante a estação seca.

Com relação à tarrafa, esta ferramenta possui mais importância na estação seca, quando os rios estão na época de seca, este é um padrão que se mostra predominante na região amazônica (e.g. Batista et al., 1998; Freitas et al., 2002). Pois com a intensificação da estação seca, há significativa redução de vazão na bacia do rio Guamá e, em conjunto, com a redução do fluxo e turbidez da coluna d’água (Brito ; Costa, 2019), surge condições favoráveis à pesca com tarrafa, como visibilidade e menor profundidade, que facilitam a captura (Figura 03).

O anzol é empregado em diferentes estratégias de pesca, uma delas é a pesca com caniço que consiste em uma vara de madeira, geralmente retirada de plantas conhecidas como “caniceiras”, com uma linha de *nylon* amarrada em uma extremidade e um anzol preso na outra, às vezes, com algum encastalho de metal para facilitar a pesca na coluna d’água, a partir daí se denomina “anzol chumbado”. Sendo que Batista e colaboradores (1998) observam que esta é uma estratégia de pesca que pode ser considerada complementar às principais estratégias, percebe-se que isto poderia ser relacionado à baixa efetividade e abundância na captura do pescado em contraste dos resultados com redes de pesca.



Figura 03: Pesca com tarrafa no quilombo do Jacarequara (Santa Luzia do Pará/PA).

O verão amazônico é o principal período para captura de peixes na comunidade do Jacarequara. A época de vazante, que anuncia o início da estação seca, se estende até meados de agosto quando é considerado o início da época de seca, pois o escoamento dos igarapés se intensifica, o nível da água vai diminuindo até restar apenas os locais remanescentes denominados de poços, neste processo as espécies que não conseguiram migrar para o rio ficam aprisionadas nesses lugares, o mesmo ocorre nas planícies de inundação com a concentração de cardumes de peixes nos lagos. Essa relação entre o ciclo hidrológico e o comportamento migratório é um fato marcante da ecologia amazônica, que as comunidades ribeirinhas conhecem detalhadamente, sendo essencial para efetividade na captura (Barthem ; Fabré, 2003; Braga ; Rebêlo, 2017).

De acordo com os moradores, emprega-se as estratégias de pesca que utilizam anzol na época de vazante, quando são retomadas as pescarias noturnas, que visam a captura de tuí: “*O tempo de anzol gosto de pescar tuí também de anzol. [...] É mês de maio, que é a baixa da água, maio, [...], junho, pega tuí, tuí-normal mesmo*” (Seu Manequinho, 56 anos). Nota-se que a modalidade de pesca com anzol se constitui em estratégias que têm a finalidade de coleta direta, letalidade de morte imediata, seletividade de escolha da espécie e abundância de um ou mais animais. A pesca do tuí marca o início da época de vazante, em que as espécies migratórias estão em processo de retorno das áreas de várzeas e igarapés inundáveis para o canal principal do rio Guamá ou igarapés:

Tem a época de pescar de noite, pra mim no caso é no tempo do tuí né, que vai no igarapé de noite pescar. [...] E se você for que ele é bom, se você pode fazer o fogo, aí você começa a pescar ele sete horas da noite, começa pegar o tuí, quando for o máximo nove hora já não dá mais, você não pega mais nada, você vem embora cedo (Dione, 39 anos).

A época de seca é considerada por diversos moradores como a mais importante para a atividade de pesca, pois é propícia para captura de várias espécies de peixes, as mais capturadas são os surubins, pacus, tucunarés, aracus e coacas. A pesca dos aracus ocorre no início da estação seca, geralmente, pescado ao anoitecer; já a estratégia para capturar o tucunaré é utilizando isca viva, preferencialmente, o peixe chamado coaca/cuaca (*Curimata vittata* Kner): “*Mete ela viva, ela morta ele não pega, pega ela viva enfa num anzol pela bundinha dela, aí joga ela pra água, ela fica só se mexendo ele vem e pá*” (Dona Maria, 55 anos). Também é nesta época que ocorre a pesca com garrafa, prática com grande adesão das crianças, que consiste em capturar piabas que estão migrando, utiliza-se o bicho de tucumã, isto é, a larva de *Speciomerus ruficornis* (Germar) como isca.

A relação das estratégias de pesca com a manutenção do recurso pesqueiro é percebida não somente no hábito de respeito ao período de ciclo reprodutivo, mas, também, no desuso de práticas consideradas

nocivas. De acordo com os moradores mais idosos e mais experientes, “de primeiro” a pesca era praticada, principalmente, com uso de arco e flecha, fisga com facho de breu e com o emprego de cunambi (*Clibadium surinamense* L.) ou timbó (Fabaceae; Sapindaceae). Tais técnicas entraram em desuso, algumas foram substituídas por instrumentos mais sofisticados que potencializam e facilitam a captura, e outras excluídas devido à sua agressividade ao estoque de peixes:

De primeiro os pessoal consumia muito o veneno aqui ó, que era o cunambi, eles consumia muito o cunambi, [...] aí de primeiro quando lavava um veneno, às vezes, era um ano, dois ano pra retornar aqueles peixe de novo de volta, ficava difícil acabava, por que o veneno tanto pega peixe do veneno como ele morre né se estraga também, se você não for no outro dia atrás do peixe, morre peixe; às vezes baixa urubu comendo, de primeiro era assim, graças a deus agora melhorou (Seu Soia, 56 anos).

A pesca com visor e fisga e a pesca com rede de lança/arrasto são artes de pesca consideradas proibidas na comunidade, pois as consideram como uma das causas pela redução no estoque de peixe. De acordo com os moradores, a pesca com visor e fisga é uma estratégia que consiste em uma pesca em apneia com uso de óculos de mergulho e munido de uma fisga, equipamento no formato pontiagudo semelhante a um arpão e, preferencialmente, exercida na estação seca durante à noite. A proibição desta prática é relativamente recente, sendo comum observar relatos que associam a proibição desta técnica como um dos fatores que motivaram o aumento recente no estoque de peixe. De fato, o uso da fisga por lambada em águas interiores é proibido desde o início da década de 1970 pela Superintendência do Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE, 1972), por ocasionar grandes lesões no pescado e nem sempre resultar na captura do animal. Já a rede de lança/arrasto constitui uma estratégia de pesca que faz uso de uma rede de emalhe que se estende de uma margem a outra do curso d’água, tal prática é citada por Brito e Costa (2019) como extremamente agressiva aos estoques pesqueiros no rio Guamá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O método empregado permitiu que diferentes discursos fossem agrupados em categorias dentro do universo da pesca na comunidade, o que tornou possível compreender o perfil desta prática ali existente. De tal modo, foi possível constatar que o amplo conhecimento demonstrado pelos moradores do quilombo do Jacarequara é evidenciado na diversidade de espécies mencionadas, assim como os saberes e técnicas construídos e empregados nas mais variadas estratégias de pesca. Fica evidente que a efetividade da captura está ligada aos conhecimentos sobre características bioecológicas das espécies, representados no conhecimento etnozoológico

gerado a partir da interação entre o pescador, as espécies e o ambiente circunvizinho.

Os praticantes de pesca no Jacarequara podem ser categorizados em perfis de acordo com as suas preferências na prática da pesca. Importante ressaltar que um mesmo pescador pode estar inserido em mais de um perfil. Nesse sentido, há um primeiro perfil que utiliza a estratégia de pesca com tarrafa, tem preferência por pescar na estação seca durante a época de seca e, geralmente, pesca no rio Guamá. O segundo perfil prefere utilizar a pesca com malhadeira, sendo a pesca tanto na estação seca como na estação chuvosa, mas tem preferência por utilizar ambientes de igapós e igarapés na estação chuvosa e época de cheias. E ainda há um terceiro perfil que também utiliza malhadeira, mas tem preferência por pescar em igarapés, especialmente na estação chuvosa, pois na estação seca a pesca se restringe aos “poços”, para estes o verão amazônico é sinônimo de dificuldades na pesca, devido a redução do nível dos igarapés.

Constata-se que a importância desta forma de manejo para a comunidade ultrapassa o mero ato de pescar com objetivo à subsistência alimentar do grupo familiar, mas também constitui parte da territorialidade por meio de um extenso conhecimento acerca das espécies, ambientes, técnicas, estratégias empregadas, assim como nas relações sociais existentes na prática pesqueira e na relação com o rio Guamá, o principal curso d’água da paisagem socioecológica do quilombo do Jacarequara. Nesse sentido, atores externos poderiam influenciar nesta relação, o que pode gerar impactos na segurança alimentar das famílias que dependem desta prática para suprir suas necessidades de subsistência, mas também impactar em práticas socioculturais essenciais para a reprodução desta comunidade e manutenção do território quilombola. Daí a importância que órgãos e instituições estatais considerem o saber e o saber-fazer destas comunidades na implementação de medidas de conservação de recursos pesqueiros, bem como a fiscalização contra práticas pesqueiras ilegais externas à comunidade nesta região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Adna Almeida de et al. Ictiofauna. In: VALENTE, Renata de Melo; KAHWAGE, Claudia Maria Carneiro (org.). **Gestão Ambiental e Territorial da Terra Indígena Alto Rio Guamá: diagnóstico etnoambiental e etnozoneamento.** Belém: IDEFLOR-Bio, 2017. p. 207-234.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino et al. **Métodos de pesquisa qualitativa para Etnobiologia.** 1. ed. Recife: NUPPEA, 2021.

ALMEIDA, Rozemberg Ribeiro de. Escravidão, resistência e a formação de quilombos na Amazônia: Jacarequara em Pauta. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013**, Natal, RN. Anais [...]. Natal: ANPUH, 2013. p. 17.

ALVES, Rômulo Romeu Nóbrega. Relationships between fauna and people and the role of ethnozoology in animal conservation. **Ethnobiology and Conservation**, [S. l.], v.1, n.2, p.1-69, 2012.

ARRUDA, Joari Costa de et al. Conhecimento ecológico tradicional da ictiofauna pelos quilombolas no Alto Guaporé, Mato Grosso, Amazônia meridional, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v.13, n.2, p.315-329, 2018.

BARBOZA, Roberta Sá Leitão; BARBOZA, Myrian Sá Leitão; PEZZUTI, Juarez Carlos Brito. Aspectos Culturais da Zooterapia e Dieta Alimentar de Pescadores Artesanais do Litoral Paraense. **Fragmentos de Cultura**, v.24, n.2, p.267-284, 2014.

BARTHEM, Ronaldo Borges; FABRÉ, Nidia Noemi. Biologia e diversidade dos recursos pesqueiros da Amazônia. In: RUFFINO, Mauro Luis (org.). **A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia Brasileira.** Manaus: ProVárzea, 2003. p.11-55.

BATISTA, Leidiane Priscila de Paiva et al. Enotaxonomia e tabus alimentares dos pescadores artesanais nos açudes Araras e Edson Queiroz, bacia do Rio Acaraú, Ceará, Brasil. **Entorno Geográfico**, [S. l.], n.12, p.34-49, 2016.

BATISTA, Vandick da Silva et al. Characterization of the fishery in river communities in the low-Solimões/high-Amazon region. **Fisheries Management and Ecology**, [S. l.], v.5, n.5, p.419-435, 1998.

BEGOSSI, Alpina. **Ecologia de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia.** São Paulo: Hucitec: NEPAM/Unicamp: NUPAUB-USP: FAPESP, 2004.

BRABO, Marcos Ferreira et al. Potencial invasor de tilápia (*Oreochromis niloticus*) em microbacias hidrográficas do Nordeste paraense, Amazônia, Brasil. **Magistra**, v.27, n.2, p.227-234, 2015.

BRAGA, Tony Marcos Porto; MUNDURUKU, Danilo Karu. A pesca e uso de recursos naturais na comunidade indígena São Lourenço, Jacareacanga, Pará, Brasil. In: CORDEIRO, Carlos Alberto Martins (org.). **Ciência e tecnologia do pescado: uma análise pluralista**. Guarujá: Científica Digital, 2020. p.31-50.

BRAGA, Tony Marcos Porto; REBÉLO, George Henrique. Traditional knowledge of the fishermen of the lower Juruá river: understanding the reproductive patterns of the region's fish species. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v.40, p.385-397, 2017.

BRITO, Tiago Pereira; COSTA, Léa Carolina de Oliveira. Caracterização da atividade pesqueira desenvolvida em comunidades rurais do nordeste paraense - Amazônia - Brasil. **Ambiência**, v.15, n.2, p.475-498, 2019.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo** (2 ed.). São Paulo: Paralelo 15; Editora UNESP, 2000.

CASTRO, Edna Maria Ramos de. Território, Biodiversidade e Saberes de Populações Tradicionais. In: CASTRO, Edna Maria Ramos de; PINTON, Florence (org.). **Faces do Trópico Úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente**. Belém: Cejup; UFPA-NAEA, 1997. p.221-242.

COSTA-NETO, Eraldo Medeiros; DIAS, Cristiano Villela; MELO, Márcia Nogueira de. O conhecimento ictiológico tradicional dos pescadores da cidade de Barra, região do médio São Francisco, Estado da Bahia, Brasil. **Acta Scientiarum**, v.24, n.2, p.561-572, 2002.

COSTA-NETO, Eraldo Medeiros; MARQUES, José Geraldo Wanderley. Etnoictiologia dos pescadores artesanais de Sirinhaém, município de Conde (Bahia): aspectos relacionados com a etiologia dos peixes. **Acta Scientiarum: Biological Sciences**, v.22, n.2, p.553-560, 2000.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana et al. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. São Paulo: NUPAUB-USP: PROBIO - MMA: CNPq, 2000.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **A pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira**. São Paulo: NUPAUB, 2004.

FERNANDES-FERREIRA, Hugo. **A caça no brasil: panorama histórico e atual**. 2014. Tese (Doutorado em Zoologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas, UFPB, João Pessoa, PB, 2014.

FERREIRA, Efrem J. G.; ZUANON, Jansen A. S.; SANTOS, Geraldo M. dos. **Peixes comerciais do médio Amazonas: região de Santarém, Pará.** Brasília: IBAMA, 1998.

FREITAS, Carlos Edwar de Carvalho; BATISTA, Vandick da Silva; INHAMUNS, Antonio José. Strategies of the small-scale fisheries on the Central Amazon floodplain. **Acta Amazonica**, [S. I.], v.32, n.1, p.101-108, 2002.

GILMORE, Raymon M. Fauna e etnozoologia da América do Sul tropical. In: RIBEIRO, Darcy; RIBEIRO, Berta G. (org.). **Suma Etnológica Brasileira - Vol. 1: Etnobiologia**. Petrópolis: Vozes, Finep, 1986. p.187-234.

HAYS, Terence E. An empirical method for the identification of covert categories in ethnobiology. **American Ethnologist**, [S. I.], v.3, n.3, p.489-507, 1976.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Bacias e divisões hidrográficas do Brasil**. Brasília, DF: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/informacoes-ambientais/31653-bacias-e-divisoes-hidrograficas-do-brasil.html?=&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: 23 ago. 2022.

ICMBIO. **Número temático: avaliação do estado de conservação dos crocodilianos e dos carnívoros. Biodiversidade Brasileira**, Brasília, DF, n. 1, p. 282, 2013.

MARQUES, José Geraldo Wanderley. Etnoictiologia: pescando pescadores nas águas da transdisciplinaridade. **Revista Ouricuri**, v.2, n.2, p.9-36, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

NASCIMENTO, Anael Souza; BARROS, Flávio Bezerra. Entre mangues, rios e igarapés: pesca, comida e cultura no Quilombo de Mangueiras (Ilha do Marajó, Pará). **Etnobiología**, [S. I.], v.17, n.3, p.78-98, 2019.

O'DWYER, Eliane Cantarino. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

PAZ, V. A.; BEGOSSI, Alpina. Ethnoichthyology of Gamboa fishermen of Sepetiba Bay, Brazil. **Journal of Ethnobiology**, [S. I.], v.16, n.2, p.157-168, 1996.

SANDOVAL, Carlos A. Casilimas. **Investigación cualitativa**. Bogotá: Instituto Colombiano para el Fomento de la Educación Superior, 1996.

SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE. **Relatório Técnico da Fauna**

da Contra Costa de Soure - Mar Territorial Ilha do Marajó. Belém, PA: SEMA, 2010.

SERRÃO, Elizabete de Matos et al. Conhecimento tradicional dos pescadores sobre o comportamento reprodutivo dos peixes em um lago de inundação no Oeste do Pará, Brasil. **Sociedade e Natureza**, v.31, p.1-21, 2019.

SILVA, Josele Trindade da; BRAGA, Tony Marcos Porto. Caracterização da pesca na comunidade de Surucuá (Resex Tapajós Arapiuns). **Biota Amazônia**, v.6, n.3, p.55-62, 2016.

SILVANO, Renato Azevedo Matias. Pesca artesanal e etnoictiologia. In: BEGOSSI, Alpina (org.). **Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: Hucitec: NEPAM/Unicamp: NUPAUB-USP: FAPESP, 2004. p.187-222.

SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA PESCA (Brasil). Portaria SUDEPE nº 466, 8 de novembro de 1972. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 1972.